

A NARRATIVA LITERÁRIA ENTRE *BYSTANDING* / *STANDING BY*¹: *THE OPTICIAN OF LAMPEDUSA* E O TRAUMA DOS FLUXOS MIGRATÓRIOS CONTEMPORÂNEOS

The literary narrative between *Bystanding and Standing by: The Optician of Lampedusa* and the trauma of contemporary migration flows

Eda Nagayama²

RESUMO: Os fluxos migratórios contemporâneos em direção à Europa - a “crise migratória”, são vistos aqui sob a perspectiva dos estudos de trauma cultural. *The Optician of Lampedusa*, narrativa literária da jornalista inglesa Emma Jane Kirby, é tomada como uma problemática tentativa de elaboração e resposta através da transformação do presente em passado e memória, em uma posição de ambivalência entre *bystanding/standing by*.

PALAVRAS-CHAVE: Trauma; Trauma cultural; Crise migratória; Refugiados; Testemunho.

ABSTRACT: The contemporary migration flows towards Europe - the "migration crisis" - is approached in this paper from the perspective of Cultural Trauma Studies. *The Optician of Lampedusa* by the English journalist Emma Jane Kirby is discussed as a problematic attempt of elaboration and response through transforming the present into past and memory, in a position of ambivalence in relation to reality between *bystanding and standing by*.

KEYWORDS: Trauma; Cultural trauma; Migration crisis; Refugees; Testimony.

“Trauma cultural” é um conceito que não detém uma aceitação natural e fluida, mas impõe questionamento e discussão ao pressupor migração de área, interdisciplinaridade, a passagem do plano individual para o coletivo cuja capacidade de aferição empírica é bastante relativa. Utiliza-se o conceito aqui como uma moldura teórica para abordagem e aproximação de um tema contemporâneo, como constructo ferramental argumentativo. Nenhum evento, seja a “crise migratória”, acidente ou catástrofe, pode ser considerado inerentemente traumático, dependendo antes da subjetividade individual, de seu impacto e recepção. Para Piotr Sztompka, a mudança traumatogênica exibe quatro características:

¹ No texto, faço a opção de manter os termos em inglês pela simples inversão que não encontra correspondência no português entre “ser observador, presenciar sem intervir” (“*bystanding*”) e “estar a postos, em espera” (“*standing by*”).

² Doutoranda, FFLCH/USP, São Paulo, CNPq

- velocidade específica – geralmente abrupta e veloz, por causar impacto e choque;
- alcance – largo e compreensivo, atingindo muitas pessoas e ações, várias esferas da vida
- conteúdo específico – ao mesmo tempo radical, profundo e fundamental, capaz de atingir universalmente nos âmbitos privado e público;
- percepção e identificação por parte das pessoas como choque, inesperado e inacreditável (SZTOMPKA, 2004, p. 158-159).

De acordo com essa perspectiva mais ampla e social, o trauma constitui então uma “atribuição mediada”, nos termos de Jeffrey Alexander:

Os eventos não são inerentemente traumáticos. O trauma é uma atribuição socialmente mediada que pode se dar em tempo real, à medida em que o evento se desdobra, antes de sua ocorrência, como vislumbre, ou ainda depois de sua conclusão, como uma reconstrução posterior. Às vezes, os eventos que são profundamente traumatizantes podem na verdade não ter ocorrido efetivamente. Tais eventos imaginários podem ser tão traumáticos quanto aqueles que realmente tenham acontecido.³ (ALEXANDER, 2004, p. 8).

A partir dessas características, é possível conceber que os deslocamentos migratórios contemporâneos poderão se configurar como trauma – serem traumatogênicos, mas não de forma homogênea e generalizada, pelo contrário, como experiência vivenciada e elaborada diferentemente de acordo com o impacto e valores das localidades e grupos envolvidos, as peculiaridades e circunstâncias em que se apresentaram. As representações artísticas – como a obra literária destacada aqui, mas também os trabalhos recentes do artista e ativista Ai Weiwei, podem ser então vistas como manifestações e esforços de elaboração e responsividade a um trauma no âmbito da cultura e sociedade.

³ Events are not inherently traumatic. Trauma is a socially mediated attribution. The attribution may be made in real time, as an event unfolds; it may also be made before the event occurs, as an adumbration, or after the event has concluded, as a post-hoc reconstruction. Sometimes, in fact, events that are deeply traumatizing may not actually have occurred at all; such imagined events, however, can be as traumatizing as events that have actually occurred. (todas as traduções deste artigo são minhas; os trechos originais se encontram nas notas de rodapé.)

Alexander destaca, utilizando Durkheim⁴, o papel que a imaginação pode deter na construção de representações que, para além do artístico podem englobar outras esferas do simbólico social como a identidade e a soberania nacionais: “A imaginação é intrínseca ao próprio processo de representação que toma uma experiência incipiente da vida e constitui uma forma específica através da associação, condensação e criação estética.”⁵ (ALEXANDER, 2004, p. 9). Essa imaginação é também elemento fundamental na narração e testemunho do Holocausto, evento inquestionavelmente traumático, da ordem do inimaginável e impossível até então. Em “La escritura o la vida”⁶, Jorge Semprún pergunta:

Como contar uma história pouco crível, como suscitar a imaginação do imaginável senão elaborando, trabalhando a realidade, colocando-a em perspectiva? Bem, como um pouco de artifício! [...] O outro tipo de compreensão, a verdade essencial da experiência, não é transmissível... Ou melhor dizer, só o é através da escrita literária...⁷ (SEMPRÚN, 1995, p. 141)

Mais do que Semprún, Primo Levi é o autor axial e incontornável na literatura testemunhal produzida a partir da experiência do Holocausto. Em um de seus livros⁸, ele contrapõe à sobrevivência, a metáfora do afogamento, a asfixia causada por algo avassalador, incomensurável. Os afogados de Levi não se restringem somente às vítimas absolutas, aos milhões de mortos nos campos, mas em uma extensão de sentido, inclui também os internos que vagavam mudos e desumanizados em uma espécie de limbo entre vida e morte, reduzidos à obsessão única pela sobrevivência. No prefácio de *É isto um homem?*, Levi reafirma a “necessidade elementar” – urgente e violenta, do narrar aos “outros”, de compartilhar a experiência dos campos de concentração com todos os que não o vivenciaram como ele, os

⁴ DURKHEIM, Émile. *The Elementary Forms of Religious Life*. Oxford University Press, 2008.

⁵ “Imagination is intrinsic to the very process of representation. It seizes upon an inchoate experience from life, and forms it, through association, condensation, and aesthetic creation, into some specific shape.”

⁶ Título original em francês: *L'écriture ou la vie*, Paris, Gallimard, 1994.

⁷ “Cómo contar una historia poco creíble, como suscitar la imaginación de lo inimaginable si no es elaborando, trabajando la realidad, poniéndola en perspectiva? ¿Pues con un poco de artifício!”

[...]

El otro tipo de comprensión, la verdad esencial de la experiencia, no es transmisible... O mejor dicho, sólo lo es mediante la escritura literaria...

⁸ *Os afogados e os sobreviventes*. São Paulo, Paz e Terra, 1990.

que se excluem desse marco divisório. Como testemunha primária, o autor faz questão de negar, apesar de dizer ser mesmo desnecessário, a imaginação como matéria-prima do que se lerá a seguir, enfatizando assim a irrealidade e incredulidade diante dos acontecimentos:

A necessidade de contar "aos outros", de tornar "os outros" participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro foi escrito para satisfazer essa necessidade em primeiro lugar, portanto, com a finalidade de liberação interior. Daí, seu caráter fragmentário: seus capítulos foram escritos não em sucessão lógica, mas por ordem de urgência. O trabalho de ligação e fusão foi planejado posteriormente. Acho desnecessário acrescentar que nenhum dos episódios foi fruto de imaginação. (LEVI, 1988, p. 7-8)

Há também afogados e sobreviventes em *The Optician of Lampedusa* (O Optometrista de Lampedusa), livro da jornalista inglesa Emma Jane Kirby, cujo relato se concentra no naufrágio real ocorrido em outubro de 2013, nas costas da ilha italiana, quando morreram 368 pessoas⁹, migrantes vindos da Líbia que almejavam alcançar uma vida melhor na Europa. Kirby opta por uma posição em que não sendo testemunha primária, assume a narração em nome de um outro, Carmine Menna, o optometrista que junto com outros sete amigos, atuou no resgate de 47 pessoas em alto-mar. Em uma matéria sobre o livro na BBC News em outubro de 2016, a jornalista comenta brevemente sobre a intenção da proposta:

Eu não estava segura que o tímido e discreto Carmine me deixaria transformar sua história em um livro, mas eu me aproximei, pedi sua permissão e, para minha surpresa, ele prontamente concordou.

O trabalho de um optometrista, afinal, é fazer com que as pessoas vejam claramente e acho que é exatamente esta a razão para que ele tenha permitido que eu contasse a narrativa através de seus olhos.

⁹ <http://www.bbc.com/news/world-europe-37485824> Acesso em 13/ jun/2017.

Não importa, ele parece dizer, se você é a favor ou contra a imigração, se você vota na esquerda ou direita.¹⁰ (KIRBY, 2016b).

A declaração corrobora para a autolegitimação como narradora delegada, a tomada de voz e olhos daquele que realmente vivenciou os acontecimentos, ainda que essa opção seja de larga precariedade e contestabilidade, assumida e sublinhada pelo “ele parece dizer (“he seems to be saying”). Parecer não é efetivamente dizer e o livro, de maneira inevitável, põe não somente palavras em sua boca, mas pensamentos e sentimentos na pessoa do optometrista. Na sequência da matéria, opiniões e posições entre ator e narradora se mostram amalgamados e indiscriminados, afirmados como senso comum: “Mas importa – tem que importar – que milhares de seres humanos estão se afogando todo ano na porta de entrada da Europa.”¹¹ (KIRBY, 2016b). A afirmação, reiterada com variações ao longo do livro, sinaliza a motivação da jornalista, sua própria necessidade de narrar: a necessária relevância das mortes de migrantes na travessia do Mediterrâneo.

De acordo com o mais recente relatório da UNHCR, agência das Nações Unidas para Refugiados, de junho de 2017, referente ao ano de 2016, há no mundo 65,6 milhões de deslocados forçados, sendo 22,5 milhões de refugiados¹². A Itália recebeu somente em 2016, o número recorde de 171.000 migrantes¹³, já contabilizando, até maio de 2017, um aumento de 30% em relação ao mesmo período do ano anterior - mais de 59.000 pessoas e um total de 1.569 mortes¹⁴ na travessia do Mediterrâneo. Para o verão europeu próximo, é esperado um crescimento ainda maior devido aos impedimentos da rota via Grécia e o fracassado acordo de readmissão de migrantes entre União Europeia e Turquia assinado em março de 2016 que previa a deportação não somente de migrantes irregulares, mas também de solicitantes de refúgio, contrariando o direito de proteção assegurado pelo

¹⁰ I was unsure that the shy and discreet Carmine would let me turn his story into a book, but when I approached him to ask his permission he surprised me by readily agreeing.

An optician's job, after all, is to make people see clearly and I think that is exactly why he has allowed me to tell his tale through his eyes.

It does not matter, he seems to be saying, whether you are pro or anti-immigration, or whether you vote left or right.

¹¹ But it does matter - it has to matter - that thousands of human beings are drowning every year on Europe's doorstep.

¹² <http://www.unhcr.org/5943e8a34> Acesso em 19/ jun/2017.

¹³ <https://www.theguardian.com/world/2016/nov/28/2016-sets-new-record-for-asylum-seekers-reaching-italy-by-boat> Acesso em 13/ jun/2017.

¹⁴ <https://www.theguardian.com/world/2017/jun/07/pressure-builds-in-italy-after-g7-leaders-fail-to-tackle-refugee-crisis> Acesso em 13/ jun/2017.

Estatuto dos Refugiados da Convenção da ONU de 1951¹⁵. Na prática, o acordo UE-Turquia contribuiu para a decadência e precarização das condições de vida dos migrantes – tanto na Grécia quanto na Turquia que nunca ofereceu condições minimamente adequadas para a readmissão de migrantes, criando assim um limbo não só burocrático, mas de falta de segurança e dignidade humana.¹⁶ Os países vizinhos às regiões de conflito acabam por abarcar a maioria dos deslocados forçados: 2,9 milhões na Turquia, 1,4 milhão no Paquistão, 1 milhão no Líbano, quase 980 mil no Irã; 940 mil em Uganda e quase 800 mil na Etiópia. De 1 bilhão de dólares no início dos anos 1990, o orçamento da UNHCR passou para 7,7 bilhões em 2017 que financia a continuidade de programas em operação e ainda outros emergenciais como a crise humanitária na Síria.

O naufrágio no qual o livro de Emma Jane Kirby se baseia está inserido nesse panorama dos deslocamentos humanos que, principalmente em 2015, foram chamados midiática e globalmente de “crise migratória”. Para que essa denominação fosse apropriada, deveria tal estado de crise ser temporário, ocorrendo a posteriori uma volta a uma suposta ‘normalidade’. Mas não há normalidade para retornar e as dinâmicas globais foram definitivamente alteradas no decorrer dos últimos anos: os conflitos armados na Síria, Afeganistão e Ucrânia, as ações terroristas do Estado Islâmico, disputas de caráter étnico e religioso com violência e violação de direitos humanos em países como Sudão do Sul, Somália, Nigéria, República Centro-Africana e Burundi, na África; também na Ásia, em Bangladesh, Mianmar, Iêmen e Sri Lanka¹⁷. A esse quadro, somam-se ainda os migrantes econômicos que buscam condições de vida melhores como os haitianos e bolivianos que migraram para o Brasil.

Diferentemente do Holocausto – o genocídio sistematizado pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, os fluxos migratórios contemporâneos não têm vítimas nem perpetradores homogêneos e claramente identificáveis, sendo fenômeno marcadamente globalizado – tanto em suas causas, quanto em seus efeitos. Os elementos e categorias para a avaliação dos fluxos migratórios contemporâneos como risco ou ameaça são ambivalentes e voláteis, de difícil delimitação e definição: o migrante pode ser um sírio de classe média fugindo do conflito armado, mas excepcionalmente um extremista infiltrado por promover um ataque terrorista numa capital europeia; pode ser um africano perseguido por pertencer a uma

¹⁵ <http://www.acnur.org/portugues/informacao-geral/o-que-e-a-convencao-de-1951/> Acesso em 13/ jun/2017.

¹⁶ <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2017/03/the-eu-turkey-deal-europes-year-of-shame/> Acesso em 13/ jun/2017.

¹⁷ <http://www.unhcr.org/5943e8a34> Acesso em 19/ jun/2017.

minoria étnica, mas também alguém motivado pelo desejo de uma vida melhor em um país mais desenvolvido. A prevalência e priorização de direitos humanos, perspectivas individuais e/ou nacionais, valores culturais, de segurança social e econômica são postas constantemente em questionamento e conflito pela chamada “crise migratória”. Ulrich Beck ao teorizar sobre a sociedade de risco, a diferenciava de uma sociedade da catástrofe, salientando a enorme força a ser mobilizada, envolvendo instituições, sistemas e atores globais para avaliar e calcular com antecedência os cenários possíveis, num processo social de reconhecimento e legitimação, a fim de diminuir a incerteza e a insegurança e administrar assim os riscos, evitando catástrofes. De acordo com o sociólogo, a globalização dos riscos criou um incontornável “mundo comum”:

Um primeiro efeito dos riscos globais, entretanto, é a *criação de um mundo comum*, um mundo do qual, bem ou mal, todos partilhamos, um mundo que não tem nenhum “à parte”, nenhuma “saída”, nenhum “outro”. Assim, temos de reconhecer que, a despeito do quanto amamos, odiamos ou criticamos o “Outro”, estamos destinados a viver com esses Outros *neste* mundo em risco. [...] Os riscos globais abrem um espaço moral e político que pode fazer surgir uma cultura civil de responsabilidade que transcenda as fronteiras e os conflitos nacionais. A experiência traumática de que todos são vulneráveis e a decorrente responsabilidade pelos outros, até para sua própria sobrevivência, são os dois lados da crença no risco mundial. (BECK, 2010, p. 364)

A narrativa literária *The Optician of Lampedusa* se inscreve nessa perspectiva de uma responsabilização moral pelos outros, quando podemos ser afetados pelo sofrimento alheio e agir, num desanuiamento de uma cegueira usual e voluntária onde o outro é tornado invisível e privado de significação, comparável aos “muçulmanos”, os prisioneiros desumanizados dos campos de concentração. Ao se efetivar como narrativa pública e avaliada, o próprio evento narrado por Kirby acaba por conquistar uma realidade diferenciada - como acontecimento simultaneamente “comum” e relevante, mas também como testemunho e memória, fundando uma temporalidade que pode ser atualizada, como destaca Beatriz Sarlo:

Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto

mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no *comum*. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepetível), mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada variante torna a se atualizar. (SARLO, 2007, p.24-25)

Essa mudez da experiência apontada por Sarlo, que pode ser eliminada pela linguagem e pelo testemunho, remete ao problema central de narrabilidade e comunicabilidade do trauma. O testemunho e a narração para um outro seriam um modo privilegiado de acesso ao passado e aos eventos traumáticos na tentativa de superação do lapso ou ruptura da memória e da continuidade do passado, capaz de provocar um estilhaçamento da identidade (LaCAPRA, 1998), mas tal acessibilidade é problematizada por sua característica *double bind*: por um lado, impossibilidade e, por outro, a imperativa necessidade de narrar (LAUB, 1995, p. 64). Essa ambivalência estaria relacionada não somente ao que é conhecido da experiência vivida, mas principalmente àquilo que se encontra velado para o próprio indivíduo – a verdade traumática, inacessível em sua plenitude como experiência determinada pelo atraso, pelo descompasso temporal entre impacto, reação e elaboração. De acordo com Cathy Caruth, a ferida traumática buscaria (“cries out”) sua narração através do retorno e da repetição em sintomas – pesadelos, *flashbacks*. Tal representificação seria marcada por uma literalidade e qualidade não simbólica, pela intensidade e verdade da experiência original, ainda que esta não se encontre plenamente assimilada ou acessível para o indivíduo. A autora propõe assim uma inversão onde a imagem ou evento é que “possui” o traumatizado:

A patologia consiste unicamente na estrutura de sua experiência ou recepção: o evento não é assimilado ou experimentado completamente no momento, mas apenas de forma tardia, em sua repetida possessão daquele que o experimenta. Estar traumatizado é precisamente ser possuído por uma imagem ou evento.¹⁸ (CARUTH, 1996, p. 5)

¹⁸ The pathology consists, rather, solely in the structure of its experience or reception: the event is not assimilated or experienced fully at the time, but only belatedly, in its repeated possession

A perspectiva de Caruth está em meio à discussão de dois modelos teóricos do trauma como mimético ou antimimético, onde a imitação determinaria uma incapacidade do indivíduo de lembrar o evento traumático, fadando-o assim a repeti-lo através de variações. Devido aos danos na capacidade cognitiva e perceptiva da vítima, a confiabilidade do testemunho estaria assim comprometida já que o evento não constituiria parte de sua memória regular. De acordo com a teoria antimimética, o trauma seria um evento puramente externo que atinge um sujeito plenamente constituído que, apesar dos possíveis danos em relação à sua autonomia e integridade psíquica, poderia lembrar e recuperar o evento, ainda que configure um processo difícil e doloroso. Diferentemente de Caruth, Ruth Leys questiona a origem do trauma como verdade literal, propondo que seja uma “verdade histórica”:

A origem do trauma não se apresenta como uma verdade literal ou material, como exige a teoria de Caruth, mas como uma “verdade histórica” ou psíquica cujo significado deve ser interpretado, reconstruído e decifrado.¹⁹ (LEYS, 2000, p. 282)

Partindo dessa imbricação entre mudez e necessidade de narrar, literalidade ou verdade a ser decifrada e interpretada, Márcio Seligmann-Silva toma Primo Levi para acrescentar ainda um outro elemento – um sentimento de obrigatoriedade “outridade” do sobrevivente, para quem o testemunho configura uma necessidade elementar ambivalente, pois, ao mesmo tempo em que narrar é uma “carência absoluta”, por outro, estabelece essa barreira insuperável que impede o religamento à vida, ao mundo:

Sabemos que dentre os sonhos obsessivos dos sobreviventes consta em primeiro lugar aquele em que eles se viam narrando suas histórias, após retornar ao lar. Mas o próprio Levi também narrou uma versão reveladora deste sonho, que ficou conhecida, na qual as pessoas ao ouvirem sua narrativa se retiravam do recinto deixando-o a sós com as suas palavras. A outridade do sobrevivente é vista aí

of the one who experiences it. To be traumatized is precisely to be possessed by an image or event.

¹⁹ The origin of trauma does not present itself as a literal or material truth, as Caruth’s theory demands, but as a psychical or “historical truth” whose meaning has to be interpreted, reconstructed, and deciphered.

como insuperável. A narrativa teria, portanto, dentre os motivos que a tornavam elementar e absolutamente necessária, este desafio de estabelecer uma ponte com “os outros”, de conseguir resgatar o sobrevivente do sítio da outridade, de romper com os muros do *Lager*. A narrativa seria a picareta que poderia ajudar a derrubar este muro. (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 102).

A experiência traumática acabaria então estabelecendo uma dupla imposição: uma inerente incompletude e insuficiência ao testemunho e também um isolamento ao sobrevivente devido à sua singularidade e diferenciação, à dificuldade de transmissão aos “outros” e restrição de comunicabilidade pela própria linguagem. Em *The Optician of Lampedusa* a autora aponta essa problemática já no prólogo, onde opta por uma voz em primeira pessoa:

É difícil começar a descrever o que eu vi quando nosso barco se aproximou da fonte daquele ruído terrível. Eu mal quero. Você não vai entender porque não estava lá. Você não pode entender. Veja, eu achei que tinha ouvido gaivotas gritando. Gaivotas lutando por uma boa presa. Pássaros. Apenas pássaros. Nós, afinal, estávamos em mar aberto. Não poderia ser outra coisa.²⁰ (KIRBY, 2016a, posição 29)

Kirby inicia a narrativa estabelecendo não somente uma expectativa negativa (“Você não vai entender” - “You won’t understand”) e mesmo incapacidade de compreensão por parte do leitor (“Você não pode entender” - “You can’t understand”), mas também um enfrentamento de dificuldade e incerteza (“É difícil começar a descrever” - “I can hardly begin to describe”; “Eu mal quero.” - “I hardly want to”), oriundo do próprio ato de narrar o trauma. A partir dessa posição narrativa do prólogo, a própria autora se escusa de cumprir sua tarefa de maneira satisfatória, assumindo como proposição, se não pertencente, próxima ao âmbito da impossibilidade. A responsabilidade diante dessa incapacidade pressuposta e apriorística acaba por ser dividida e diluída em uma sobreposição entre diferentes instâncias:

²⁰ I can hardly begin to describe to you what I saw as our boat approached the source of that terrible noise. I hardly want to. You won’t understand because you weren’t there. You can’t understand. You see, I thought I’d heard seagulls screeching. Seagulls fighting over a lucky catch. Birds. Just birds.

We were in open sea, after all. It couldn’t be anything else.

autora, voz da narrativa, personagem (o “optometrista” sem nome) e ator do evento real (o indivíduo Carmine Menna). Essa combinação remete novamente ao questionamento da confiabilidade e legitimidade do relato²¹ de um acontecimento real, tema inerente ao processo da memória e do trauma, de possível reconstrução e modificação no decorrer das repetições e do próprio distanciamento temporal, através das experiências seguintes.

Primo Levi adota uma perspectiva muito distinta de Kirby já que a unicidade entre aquele que narra e o que vivenciou a experiência é absolutamente central como relato testemunhal de algo tão terrível e inaudito até então. Em seu igualmente curto prefácio, o autor se desculpa: “Sou consciente dos defeitos estruturais do livro e peço desculpas por eles. Se não de fato, pelo menos como intenção e concepção o livro já nasceu nos dias do Campo”. (LEVI, 1988, p. 7). Aqui a necessidade de narrar nasceria assim indissociável da experiência, como esforço de elaboração e sobrevivência, diferentemente de *The Optician*, onde, em oposição à escolha de privacidade e silenciamento do próprio sobrevivente, a motivação é alheia e terceira.

Essa autorizada narração em nome de um outro resulta em triangulações, na criação de uma terceira instância – um “eu” híbrido de ficção, realidade e a própria percepção individual, marcada pela subjetividade da jornalista. Este “eu” se dirige então ao leitor, oscilando entre proximidade e distanciamento em relação a esse “outro” de capacidade de compreensão semelhante à sua: se ele próprio não fora capaz de acreditar, como o público poderia? De acordo com a perspectiva do personagem do “optometrista”, o leitor seria capaz de mostrar empatia e se espantar, ser desejoso de saber sobre o acontecimento trágico, como supostamente a própria Emma Jane Kirby. A autora constrói assim uma posição narrativa ambivalente e fronteira onde pode ser “eu” e também “outro”; constituir aquele que escuta, mas também o que narra, ainda que haja uma barreira insuperável - a experiência real. Carmine Menna e o personagem do “optometrista” estariam definitivamente separados de todos os outros seres no mundo, exceto por aqueles seus sete amigos que estavam no mesmo barco em outubro de 2013:

Você me pergunta por que não dou entrevistas. Você me pergunta por que não gosto de contar esta história. Mas se eu ainda não posso acreditar que realmente tenha acontecido, como você vai poder? Se eu falar sobre isso,

²¹ Há uma longa discussão sobre a aplicabilidade ou falsidade do material coletado na TMR ou Terapia da Memória Recuperada (RMT, em inglês). Ver CREWS, Frederick. *The Memory Wars*. New York: The New York Review Books, 1995; LOFTUS, Elizabeth. *The Myth of Repressed Memory: False Memories and Allegations of Sexual Abuse*. New York: St. Martin's Griffin, 1996.

você vai ficar boquiaberta e vai dizer, mas como, como você pôde? É impossível para você entender. Apenas nós oito realmente podemos. Veja, nós éramos oito naquele barco. Apenas oito. Com uma boia de borracha.²² (KIRBY, 2016a, posição 1500)

A partir dessas triangulações, o livro pode ser visto também como testemunho da própria Emma Jane Kirby, do impacto que sofreu como testemunha que não presencia diretamente os acontecimentos, mas através dos sobreviventes – como terceira e *testis*, em contraposição a *superstes*. Numa dupla e simultânea articulação para abordar o testemunho numa aproximação jurídica, *testis* configuraria assim o terceiro que ao dar sua versão dos acontecimentos, contribui para que a verdade possa ser evidenciada e, desse modo, seja feita justiça, enquanto *superstes* constituiria o sobrevivente, aquele que enfrenta o paradoxo entre tarefa e impossibilidade da tradução da cena vivenciada, como já salientava Walter Benjamin (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 84). Seligmann-Silva propõe o testemunho nessa complexidade em conflito:

[...] um misto entre a visão, oralidade narrativa e a capacidade de julgar: um elemento complementa o outro, mas eles relacionam-se também de modo conflituoso. O testemunho revela a linguagem e a lei como constructos dinâmicos, que carregam a marca de uma passagem constante, necessária e impossível, entre o “real” e o simbólico, entre o “passado” e o “presente”. (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 197).

Tais instâncias se encontram amalgamadas no testemunho e se evidenciam em *The Optician* como enfrentamento do narrar como tarefa impossível, mas também como ambição de “justiça”, chamado por visibilidade ao tema, por mudança da posição do público para atores - em lugar de meros observadores (*bystanders*), passivos e à espera (*standing by*) de que autoridades superiores tais como a União Europeia e governos, instituições e agências internacionais sejam capazes de atuar e evitar que tragédias como a narrada na obra se repitam. Para que atue como uma espécie

²² You ask me why I don't give interviews. You ask me why I don't like to tell this story. But if I still cannot believe it really happened, how can you? If I talk about it, your jaw will drop and you will say, but how did you, how could you? It's impossible for you to understand. Only the eight of us can really understand. You see, we were eight on that boat. Just eight. With one rubber ring.

de convocatória e que detenha potencial para alterar a posição de *bystanding/standing by*, o evento real precisa replicar algo da contundência do traumático, mas com a tridimensionalidade que o simbólico e o literário podem propiciar:

[...] ao invés da imagem calcada e decalcada, chata, advinda do choque traumático, a cena simbolizada adquire tridimensionalidade. A linearidade da narrativa, suas repetições, a construção de metáforas, tudo trabalha no sentido de dar esta nova dimensão aos fatos antes enterrados. Conquistar esta nova dimensão equivale a conseguir sair da posição do sobrevivente para voltar à vida. Significa ir da sobre-vida à vida. (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 199).

Essa tridimensionalidade apontada pelo teórico destaca o paradoxo do testemunho traumático: a simbolização, a utilização da técnica e também da imaginação colaboram para uma correspondência mais eficiente à verdade e ao impacto do evento original. A partir dessa perspectiva de tridimensionalidade, mas também de identificação e adesão solidária, a jornalista inglesa é então quem assume o lugar da narração de Carmine Menna, elaborando um trauma que pode ser não somente alheio, mas também seu, coletivo.

Ao tomar como foco um evento trágico que se insere no panorama mais amplo dos fluxos migratórios contemporâneos, a obra revela seu potencial como síntese e metonímia de um trauma, mas também como forma de expiação de uma posição de impotência, indiferença e/ou passividade. Na obra, a possibilidade de transformação do indivíduo se concentra na metáfora da visão – seja na voluntária cegueira dos nativos ou na invisibilidade dos migrantes, também na contradição da profissão de optometrista do personagem central que faz os outros verem melhor, mas que podia ser ele próprio cego para a realidade:

Eu os via todos os dias e ainda não os via. Eu não alcançava. Não até aquele dia no mar quando fui confrontado pela primeira vez na minha vida com tantas pessoas em grande necessidade - na maior necessidade de

todas – eu estiquei minha mão.²³ (KIRBY, 2016a, posição 1503).

Nessa proposição de identificação entre personagem e público, a autora deixa seu protagonista sem nome, homem comum, sem ambição de herói: “Eu nunca tentei ser um herói. Eu me tornei humilde pelo que aconteceu na água. Humilde...”²⁴ (KIRBY, 2016a, posição 1506). Essa “humildade” do protagonista contrasta com uma possibilidade da narrativa literária ser tomada como chamamento por conscientização social, estímulo a alguma resposta ao desafio à moral imposto pela situação. Bauman ressalta a complexidade dos problemas que a “crise” suscita, no eixo do medo e da ameaça representada por um outro desconhecido, estranhos à porta:

Os problemas gerados pela “crise migratória” atual e exacerbados pelo pânico que o tema provoca pertencem à categoria dos mais complexos e controversos: neles, o imperativo categórico da moral entra em confronto direto com o medo do “grande desconhecido” simbolizado pelas massas de estranhos à nossa porta. O medo impulsivo gerado pela visão dos migrantes portando inescrutáveis perigos entra em luta com o impulso moral estimulado pela visão da miséria humana. Dificilmente será mais assustador o desafio à moral quando esta tenta persuadir a vontade a seguir seu comando; e dificilmente será mais dolorosa a tarefa da vontade ao tentar tapar seus ouvidos às ordens da moral. (BAUMAN, 2017, p.104-105)

Tendo em vista a dor e o medo envolvidos nesse dilema moral diante dos migrantes, *The Optician of Lampedusa* pode servir, ao invés de catalisador, como um contraditório adjuvante à posição passiva de *bystander* de seu público. Essa perspectiva pode ser vista em duas vertentes: como identificação exemplar e também como síntese metonímica traumática. Ao propor identificação com o protagonista que participa involuntária, mas ativamente de um resgate de migrantes náufragos, a obra possibilita uma relativa catarse que diminui o leitor de sua responsabilidade e atuação sobre a realidade, suprimindo-o com uma experiência emocional singular e informação

²³ I saw them every day and yet I did not see them. I did not reach out. Not until that day on the sea when I was confronted for the first time in my life with so many people in great need – in the greatest need of all – did I stretch out my hand.

²⁴ I was never trying to be a hero. I’m humbled by what happened on the water. I’m humbled.

para além daquela veiculada pelas mídias. Ainda que não se encerre com uma lição moralizante, a narrativa é ainda assim exemplar, ao deter um protagonista contemporâneo – um homem comum com seus temores e incertezas, que executa uma excepcional ação moral de mérito, da qual os outros não são necessariamente capazes.

Como síntese metonímica, a obra pode remeter à vasta e complexa “crise migratória” através da configuração de um único evento específico. Sua intensidade traumática se inscreve no texto literário como memória em repetição, em representificação: física, no gesto de agarrar as mãos dos homens ao mar – “Porque eu não posso esquecer aqueles dedos que se cimentaram aos meus. Nem as mãos que escorregaram.”²⁵ (KIRBY, 2016a posição 1509), ou como fantasmagoria – “Haverá mais mãos, mais corpos se debatendo, mais vozes implorando. Agora toda vez que estou no mar, fico procurando por eles, vasculhando, sem fôlego.”²⁶ (KIRBY, 2016a, posição 1512). Nessa outra perspectiva, a obra enfatiza seu caráter testemunhal e transforma a “crise migratória” de presente instável e incerto, em memória e passado. De maneira ambivalente, o evento traumático ao mesmo tempo que demanda narração para sua elaboração e mesmo sobrevivência do indivíduo, por outro, ao se tornar passado, se faz passível de arquivamento, de esquecimento – ainda que seja moralmente inaceitável, como no caso de Auschwitz:

Assim, seu primeiro esforço consistia em tentar dizer o indizível, numa tentativa de elaboração simbólica do trauma que lhes permitisse continuar a viver e, simultaneamente, numa atitude de testemunha de algo que não podia nem devia ser apagado da memória e da consciência da humanidade. Meio século depois, a situação mudou. Dito brutalmente: conseguimos muito bem, se quisermos, esquecermo-nos de Auschwitz. (GAGNEBIN, 2006, p. 99)

Auschwitz e o Holocausto, em oposição a uma posterior liquidez, resultam de uma sociedade moderna sólida e burocrática onde a produção industrial foi racionalizada e otimizada em seus processos mesmo que o

²⁵ Because I cannot forget those fingers that cemented into mine. Nor those hands that slipped away.

²⁶ There will be more hands, more bodies thrashing, more voices begging. Every time I am on the sea now, I'm searching for them, scouring, breathless.

produto fosse o extermínio de seres humanos. Segundo Bauman, o Holocausto poderia também ser interpretado como

[...] um evento que revelou a fraqueza e fragilidade da natureza humana (a abominação do assassinato, a aversão à violência, o medo da consciência culpada e a responsabilidade pelo comportamento imoral) quando confrontada com a simples eficiência dos mais acalentados produtos da civilização; sua tecnologia, seus critérios racionais de escolha, sua tendência a subordinar pensamento e ação à praticidade da economia e da eficiência. (BAUMAN, 1998, posição 464)

De acordo com o autor, o Holocausto foi possível porque se produziu antes na sociedade indiferença e invisibilidade morais em relação principalmente aos judeus, mas também a outros grupos como ciganos, homossexuais, portadores de necessidades especiais. Desumanizados e inferiorizados por critérios da ordem da racionalidade e da técnica, contingentes humanos inteiros eram passíveis de serem eliminados em nome de objetivos supostamente elevados tais como a eugenia e o progresso da nação. Os fluxos migratórios contemporâneos por sua vez, estão inseridos num contexto de velocidade e efemeridade das conexões em rede, de dissolução de valores e procedimentos que caracterizam a modernidade líquida. De forma comparável aos excluídos no Holocausto, os migrantes são hoje “pessoas redundantes” no sistema econômico capitalista globalizado:

[...] *localmente* “inúteis”, excessivas ou não empregáveis, em razão do progresso econômico; ou *localmente* intoleráveis, rejeitadas por agitações, conflitos e dissensões causados por transformações sociais/políticas e subsequentes lutas por poder. (BAUMAN, 2017, p. 9)

A essa “redundância”, somam-se aos migrantes duas outras condições: de “remanescentes” – “pessoas afastadas da vista, das preocupações e da consciência”, em uma necessária separação de categorias determinada pela indiferença e invisibilidade morais, e a de “estranhos” – nômades que assombam ainda mais a massa da população já atormentada pela “fragilidade existencial e pela precariedade de sua condição e de suas expectativas sociais”, sinalizando “maior competição pelo mercado de trabalho, uma incerteza mais profunda e chances declinantes de

melhoramento: um estado mental politicamente explosivo” (BAUMAN, 2017, p. 10).

CONCLUSÃO

Nesse contexto “politicamente explosivo”, a tendência de acirramentos e radicalismos é alimentada pelo sentimento de instabilidade econômica e laboral, de insegurança em relação aos mecanismos de proteção social e nacional, por ameaças terroristas que, sem a contundência espetacular do 11 de Setembro, se tornam mais recorrentes, utilizando caminhões ou veículos comuns, também cidadãos nacionais sem suspeitas nem histórico criminal²⁷. Os deslocados forçados acabam por serem alvo de rejeição e suspeição ao aportarem na Europa como vítimas de conflitos que não interessam e nem se fazem claros, cujos perpetradores são multifacetados, passíveis de interpretações complexas e versões divergentes. Diferentemente da Segunda Guerra ou da Guerra Fria, os cenários são turvos: quem luta na Síria e por que os combates não se encerram; o que motiva a disputa política em Sudão do Sul; onde fica e o que acontece em Mianmar. Seres humanos rebaixados pela sua condição, a maior parte dos migrantes não atende às exigências das burocracias e das leis, mas, em última instância, deveriam ser acolhidos em nome de valores humanitários, negando assim a indiferença e invisibilidade morais apontadas por Bauman, condição necessária para o Holocausto.

A literatura pode testemunhar essa problemática contemporaneidade como representação de um evento contundente e amplo – traumático; e, se dos migrantes ainda não se fizeram vozes literárias, é preciso atentar para esse narrar possível no momento – também o de *The Optician of Lampedusa*, ainda que testemunho terceirizado e indireto, de contribuição e credibilidade por serem avaliadas no decorrer do tempo e dos acontecimentos por vir. O valor a prevalecer aqui é o de conservação e memória do evento, de reação ante a uma possível “caducidade das existências e das obras humanas” (GAGNEBIN, 2006, p. 97), à cegueira moral. No entanto, não é desprezível o risco que se apresenta nessa tarefa: ao invés de constituir memória e reflexão e de propiciar uma necessária inquietude moral, acabar por avalizar e contribuir para um apaziguamento de

²⁷ <https://www.theguardian.com/uk-news/2017/mar/22/attack-houses-parliament-london-what-we-know-so-far>; <http://edition.cnn.com/2017/04/11/europe/stockholm-terror-attack-rakhmat-akilov/index.html>; <https://www.theguardian.com/uk-news/2017/jun/05/britain-faces-different-level-of-terror-threat-after-london-bridge-attacks> Acesso em 19/jun/2017.

indiferença e apatia, para uma posição de *bystanding/standing by* do público. Nessa possibilidade de identificação com a obra, a experiência do protagonista poderia assim nos bastar – o optometrista terá agido e sofrido por nós, nos representado e isentado de responsabilidade. A nossa capacidade de adesão emocional e empatia poderia então se esgotar, já reduzida pela tensão e ameaças cotidianas e constantes, pela fadiga da compaixão, pela atração de uma ilusória facilidade na solução de problemas complexos. Indaga-se aqui se a intenção da autora não poderia adquirir indesejavelmente sentido contrário e servir ao emudecimento e à passividade diante dos discursos de ódio e intolerância, a uma cegueira e embotamento voluntários, reações de uma sociedade marcada por temor e acovardamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Jeffrey C. Toward a Theory of Cultural Trauma. In: Idem [et al.]. *Cultural trauma and collective memory*. Berkeley: University of California Press, 2004, p. 1-30.

BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

_____. *Modernidade e Holocausto*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. Versão Kindle.

BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2010.

CARUTH, Cathy. *Unclaimed experience –Trauma, Narrative and History*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996.

_____. (ed.). *Trauma – Explorations in memory*. Baltimore: John Hopkins, 1995.

GAGNEBIN, Jeanne. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

KIRBY, Emma Jane. *The Optician of Lampedusa*. Londres: Allen Lane, Penguin Random House UK, 2016a. Versão Kindle.

_____. *Compassion fatigue and the optician of Lampedusa*, 07 out. 2016. Disponível em <http://www.bbc.com/news/world-europe-37485824> Acesso em 14/jun/2017.

LaCAPRA, Dominick. *History and Memory after Auschwitz*. Nova York: Cornell University Press, 1998.

LAUB, Dori. Truth and Testimony: The Process and the Struggle. In: CARUTH, Cathy (org.). *Trauma: explorations in memory*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1995.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LEYS, Ruth. *Trauma – A Genealogy*. Chicago, The University of Chicago Press, 2000.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado – Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

_____. Narrar o trauma - escrituras híbridas das catástrofes. *Gragoatá*, Niterói, EdUFF, n.24, p. 101-117, 1º semestre/2008.

_____. Repensando o campo literário a partir do testemunho – Um percurso de Ésquilo a Lobo Antunes. *Estudios Portugueses*, Salamanca, n. 7, p. 185-212, 2008.

SEMPRÚN, Jorge. *La escritura o la vida*. Tradução de Thomas Kauf. Barcelona: Tusquets Editores, 1995.

SZTOMPKA, Piotr. The Trauma of Social Change - A Case of Postcommunist Societies. In: ALEXANDER, Jeffrey C. [et al.]. *Cultural trauma and collective memory*. Berkeley: University of California Press, 2004, p. 155-195.

Data de recebimento: 30 de junho de 2017

Data de aprovação: 7 de dezembro de 2017